

SENTIDOS DA MATERNIDADE: RELEITURAS E AMBIVALÊNCIAS A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO

Jordane Priscila Graudin Von Indelt²³

Orlando Afonso Camutue Gunlanda²⁴

RESUMO

A proposta deste trabalho é problematizar os sentidos produzidos por mulheres que não querem e/ou não queriam ser mães sobre a maternidade no contexto religioso, a partir das relações que estabelecem com o papel materno e/ou com sua recusa. A metodologia adotada foi o estudo de caso, com encontros online entre cinco mulheres na faixa etária de 22 a 37 anos, para compreender suas perspectivas sobre a maternidade. Na teologia, visibilizar os sentidos que essas mulheres produzem sobre o papel materno pode contribuir nas reflexões acerca da maternidade enquanto fenômeno social, em sua relação com religião e gênero, encorajando um olhar sensível para a riqueza do feminino na obra criadora de Deus.

Palavras-chave: Maternidade; Gênero; Teologia; Liberdade Cristã; Sociedade.

Abstract

This project's goal is to problematize the meaning conveyed by women who don't want and/or didn't want to be mothers about motherhood in the religious context, from the relationships they establish with the maternal role and/or its refusal. The methodology applied was the case study, with online meetings among five women within the age range from 22 to 37 years old, to understand their perspectives on motherhood. In theology, making the meanings these women convey about the maternal role visible may contribute to the reflections regarding motherhood as a social phenomenon, in how it relates to religion and gender, encouraging a sensitive outlook on the richness of femininity in God's work.

²³Licenciada em Letras – Língua Portuguesa (Univille, SC). Graduada em Teologia na Faculdade Refidim/CEEDUC (Joinville – SC). E-mail: jordanyh_oi@hotmail.com.

²⁴Mestre em Psicologia. Doutorando e pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: orlando@ceeduc.edu.br

Key words: Motherhood; Gender; Theology; Christian Freedom; Society.

INTRODUÇÃO

Escolhi pensar o tema da maternidade na perspectiva de mulheres que não desejam ou não desejavam ser mães por me encontrar nesse grupo. Esse pertencimento possibilitou que eu passasse a observar com mais atenção os modos como essas mulheres, bem como aquelas que expressam sentimentos ambíguos em relação à maternidade, são inferiorizadas ao falarem sobre isso, vistas como incompletas e egoístas, contrárias à natureza que as teria feito para tornarem-se mães, até *menos* mulheres. No ambiente religioso, essa depreciação assume outros contornos, especialmente em relação às mulheres que recusam a maternidade: ficam sob suspeita de serem insubmissas e transgressoras ao que é sagrado, a uma ordem que foi dada por Deus à mulher na criação, implicando um caráter pecaminoso.

A maternidade é tanto uma decisão como uma vivência multifacetada, encarada de formas distintas por várias mulheres, mas essa realidade plural é muitas vezes ofuscada por discursos sociais que prescrevem a maternidade como um desígnio natural para a mulher e normatizam como ela deve ser vivida. Considera-se especialmente a influência religiosa nesses discursos, muitos deles herdeiros de interpretações bíblicas, a partir de mecanismos religiosos que não necessariamente originam, ressalta Mota-Ribeiro, mas sobretudo afirmam, justificam e perpetuam conteúdos e práticas de ordens socioculturais historicamente constituídas.²⁵ Eliade fala de um mundo impregnado pelo transcendente, em que profano e sagrado se entrecruzam mesmo na existência do

²⁵ MOTA-RIBEIRO, Silvana. *Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no cristianismo*. In: IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 abr. 2000. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiroS_EvaMaria_00.pdf.

homem moderno a-religioso, cujo comportamento guardaria vestígios de religiosidade.²⁶ Essa relação se apresenta na linguagem, produzindo discursos sociais atravessados por elementos religiosos, de modo que os campos teológico-religioso e sociocultural se influenciam mutuamente.²⁷

Colocar as mulheres que não querem ser mães no centro da discussão, ouvindo o que têm a dizer, é abarcar realidades que se encontram além do sacramentado. Fazendo isso, este artigo quer contribuir teologicamente para (re)pensar o papel do elemento religioso nos discursos sociais que sustentam a maternidade como a forma por excelência de realização feminina. Espera-se também perspectivar as imagens atribuídas a essas mulheres, entendendo suas escolhas no âmbito da liberdade cristã, que resguarda nossas diferenças em relação ao outro. Como espaço de debates acerca de valores religiosos, comportamentos sociais e gênero, a teologia fica enriquecida quando acomoda a pluralidade de mulheres e suas singularidades.

1. A FERTILIDADE E A SACRALIZAÇÃO DA MATERNIDADE

“Ser mãe é algo mágico”. Dizeres como esse são correntes nos lábios das mães quando falam de suas experiências de gravidez, parto e pós-parto; de uma responsabilidade maternal que, embora cheia de dificuldades, descrevem como graça, como alegria capaz de superar todo percalço. Vendo na maternidade um ponto de intersecção entre a linguagem simbólica e a religiosidade humana, Rodrigues-Câmara aponta que a gravidez também pode se traduzir em experiência mística de transcendência, além de constituir uma experiência natural/ física de reprodução, como é biologicamente compreendida, e psicológica, considerando

²⁶ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. [Tradução de Rogério Fernandes]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

²⁷ MOTA-RIBEIRO, 2000.

que o processo de gestação impacta a psique feminina em sua dimensão existencial.²⁸

Segundo a autora, a maternidade representaria simbolicamente a manifestação do sagrado na existência da mulher, pois ela experimentaria um encontro/intimidade com o divino ao gerar no próprio corpo uma criatura do Criador. Frases como “foi como ver Deus” e “é como se eu fosse uma nova pessoa”, ditas por parturientes sobre o parto, expressam o sentimento dessa vivência transcendente. Uma vez que o corpo é materialização da existência subjetiva, as alterações físicas que acompanham a gestação seriam evidência do sagrado que se faz presente nessa experiência. Para Rodrigues-Câmara,

[...] em nível social o papel de mãe é amplamente valorizado no catolicismo e na sociedade ocidental em geral, legitimando a existência feminina, e em nível mais profundo psicologicamente, o parto poderia simbolizar a sacralização do corpo feminino enquanto corpo místico, psíquico e orgânico, sendo para mulher uma experiência divina, uma vez que neste contexto ela é meio da criação, co-criadora da humanidade, legitimando-se espiritualmente.²⁹

A partir de relatos de mães sobre suas gestações, Simon percebe a maternidade como lugar de encontro da mulher com sua dimensão espiritual, seu eu profundo. “Seria como um retorno ao primitivo, à ancestralidade, um mergulho na simbologia do inconsciente e uma janela para a espiritualidade”³⁰. Também a caracteriza como um renascimento, no qual a mulher emerge com a nova

²⁸ RODRIGUES-CÂMARA, Cátia Cilene. *Maternidade e espiritualidade: aspectos simbólicos*. Paralellus: Revista Eletrônica em Ciências da Religião, v. 6, n. 13, jul./dez. 2015. Universidade Católica de Pernambuco. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236214865.pdf>

²⁹ RODRIGUES-CÂMARA, 2015, p.470.

³⁰ SIMON, Lia Haikal Frota. *Maternidade: uma releitura na perspectiva da espiritualidade*. Dissertação [Mestrado em Ciências das Religiões]. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4214/1/arquivototal.pdf>, p.26.

identidade forjada pelo nascimento da criança. Trazer uma vida à existência representaria um encontro com o sagrado, o qual se revela como beleza e terror, diz a autora, em alusão a Rudolf Otto³¹. Por isso, dado o potencial transformador desse evento, ela destaca que um receio de desagregar-se ao contato com o inconsciente precisa ser trabalhado para que a experiência espiritual seja vivenciada de forma positiva.

Da relação da maternidade com o sagrado se encontram indícios nas práticas religiosas pré-históricas, com a mulher divinizada na imagem da deusa-mãe. Esta, segundo Marquetti é uma figura-tema que agrega a prerrogativa materna ao divino, princípio supremo da criação, estando representada nas estatuetas de vênus³², cujas formas arredondadas e ênfases corporais acenam para a fertilidade e o materno, com forte carga erótico-sexual.³³ Marquetti (2003) sublinha que o termo mãe é definido a partir das funções de gerar e nutrir, que sempre estiveram ligadas ao feminino, daí ser a mulher que corporifica os conceitos de fertilidade e fecundidade.³⁴ Terra e mulher apresentam-se numa relação mística, pois dar à luz seria o correspondente humano da fertilidade da terra.³⁵

Essas deusas-mães foram cultuadas em diferentes culturas desde a Pré-História, e sua caracterização sofreu modificações ao longo do tempo,

³¹ OTTO, Rudolf. *O sagrado*: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

³² As estatuetas de vênus, sendo a mais conhecida delas a Vênus de Willendorf, são encontradas do período Paleolítico ao Neolítico. Note-se que é a figura feminina que predomina entre as esculturas desse período, ressalta Marquetti. (2003). Segundo a autora, destacam-se nessas esculturas as nádegas, o púbis/vulva e os seios, que encontram paralelo nos sentidos de matriz (fonte, útero) e nutriz, relacionados ao conceito de mãe.

³³ MARQUETTI, Fabiana Regina. *A protofiguratividade da Deusa Mãe*. Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo, v. 15/16, n. 15/16, 2003. Disponível em: <https://www.revista.classica.org.br/classica/article/view/224>.

³⁴ MARQUETTI, 2003.

³⁵ ELIADE, 2008.

acompanhando economia, cultura, organização social. Com a agricultura, por exemplo, que intensificou os simbolismos e cultos da fecundidade, a deusa-mãe assumiu uma face terrível, devoradora, pois foi associada ao desaparecimento da vegetação.³⁶ Ela passou a encarnar a dualidade de morte e vida, assim como o desconhecido, de forma que Campbell, citado por Marquetti, equipara o mistério da mulher, do parto e mesmo da produção de leite materno ao mistério da morte, vendo o corpo feminino como força divina.³⁷ Os gestos das vênus nos vestígios esculturais designariam fontes secretas que escondem a vida, à espera de que o limite sexual seja transposto. Bingemer evoca essa compreensão ao tratar do que é ser mãe: “Ser portadora do desejo do amor [...], ser frágil e perecível mas carregar em si o segredo da vida que não morre porque continua a acontecer para sempre e continuamente”.³⁸

Beleza e terror. O processo de gestação, parto e puerpério pode ser negativo e sombrio para algumas mulheres, ainda enquanto expressão do sagrado, mas justamente porque o sagrado é “fascinante e tremendo, gerando simultaneamente entusiasmo e temor”, diz Rodrigues-Câmara.³⁹ Essa dualidade decorre de seu caráter irracional, categoria proposta por Otto que compreende a qualidade indizível, arrepiante e assombrosa do sagrado, uma face vista primitivamente como demoníaca.⁴⁰ Assim, caso a experiência da maternidade não encontre sentido existencial para a mulher, ficando dissociada de crenças e significados mais profundos, pode ser sentida como “ausência, vazio, fragmento sem razão: distância e ausência da manifestação do ser-em-si em sua vida,

³⁶ ELIADE, 2008.

³⁷ MARQUETTI, 2003, In. CAMPBELL, 1977.

³⁸ BINGEMER, Maria Clara. *A maternidade e seus discursos*. Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular, mai. 2018. Disponível em: <https://ceseep.org.br/a-maternidade-e-seus-discursos-por-maria-clara-bingemer/>.

³⁹ RODRIGUES-CÂMARA, 2015, p.484.

⁴⁰ OTTO, 2007.

aterrorizante”, descreve Rodrigues-Câmara, carecendo de uma experiência simbólica de encontro.⁴¹

As mulheres que sentem a maternidade dessa forma podem eventualmente encontrar dificuldade para acomodar a qualidade de mãe, vivenciando um conflito interior que se traduz em angústia, culpa e arrependimento. Tal falta de sentido existencial pode comprometer o papel afetivo da mãe em relação à criança, uma vez que a natureza do vínculo entre mãe e filho, de acordo com Rodrigues-Câmara, depende de características da mulher como os afetos, os sentidos, o próprio desejo pela maternidade, a relação com o parceiro, etc.⁴² Socialmente, viver a própria maternidade como um aterrorizante vazio pode implicar ser vista como desnaturada, irresponsável e/ou insensível, o que contribui para internalizar sentimentos de inadequação, de anormalidade e exclusão, trazendo mais culpa para a mulher.

2. A FERTILIDADE DA MULHER NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

A literatura bíblica veterotestamentária nos dá testemunho de que a procriação foi ordenada por Deus, na narrativa da criação do primeiro casal, como um mandato social (Gn 1:28: “E Deus os abençoou e lhes disse: Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra...”). O jardim do Éden era vasto e deveria ser preenchido por seus descendentes, assim como a fauna se expandia pela reprodução das espécies animais. Além disso, o solo tinha de ser cultivado. A terra, portanto, carecia de crescimento populacional, o que também implicava mão de obra para o trabalho. Essa necessidade ficou ainda mais acentuada com a

⁴¹ RODRIGUES-CÂMARA, 2015, p.488.

⁴² RODRIGUES-CÂMARA, 2015.

queda do homem, quando o trabalho passou a ser penoso, sendo o alimento de cada dia conquistado no suor do rosto.

Desde a história fundante do jardim, a maioria dos textos bíblicos resume a sexualidade ao desejo de procriar. Este, embora fosse partilhado pelo casal, parece seguir certa hierarquia entre os sexos, como observa Neuenfeldt: o desejo surgiria primeiro para o homem e seria secundário para a mulher; em seu lugar haveria a dor e o sofrimento do parto, para dar ao marido descendência.⁴³ Nesse sentido, a fecundidade era uma bênção dada por Deus à mulher, uma vez que permitia cumprir a ordenança feita ao casal, e a geração de filhos configurava o ideal de prosperidade feminina, como indica a bênção a Rebeca (Gn 24:60), na qual o poder reprodutivo ressalta os atributos femininos, caracterizando a mulher.

A partir do contraste com a fecundidade da mulher, os textos bíblicos lançam uma luz sobre a compreensão que se tinha da esterilidade no contexto israelita. Diz Neuenfeldt:

A infertilidade é extremamente negativa para as mulheres. As situações de infertilidade sempre estão rodeadas de conflitos entre as mulheres: Sara é infértil enquanto que Hagar engravida de Abraão (Gn16); Raquel tem ciúme de Lia, pois esta engravida dando descendência a Jacó (Gn 30); Ana é infértil e por isso, tem conflitos com Penina, a outra mulher de Elcana (1 Sm1). A infertilidade é sempre atribuída às mulheres. Os homens são envolvidos nas tramas dos desejos de ter filhos cumprindo funções no encaminhamento do pedido junto a Javé [...].⁴⁴

O texto de Gênesis 30:1, quando Raquel suplica a Jacó: “Dê-me filhos, do contrário morrerei”, e o marido prontamente lhe responde: “Será que eu estou

⁴³ NEUENFELDT, Elaine Gleci. *Fertilidade e infertilidade na Bíblia*: suspeitas a partir da teologia feminista. Revista Aulas, dossiê Religião, n. 4, abr./jul. 2007. Universidade de Campinas (Unicamp). Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4_3.pdf.

⁴⁴ NEUENFELDT,, 2007, p.3.

no lugar de Deus, que a impediu de ter filhos?”, indica que a impossibilidade de gerar filhos era tanto uma questão-problema da mulher quanto uma situação de causa divina, seja quando Deus impingia a infertilidade como castigo (Jó 18:19; Os 9:10-18; Is 14:22), seja quando a colocava como obstáculo/meio através do qual demonstrava sua misericórdia. Apesar de a Bíblia Hebraica retratar uma matriarca estéril bela e amada pelo marido, Chwartz informa que a realidade da mulher infértil no contexto patriarcal do Oriente Médio não lhe reservava nenhuma benevolência.⁴⁵ Além do menosprezo social, ela estava envolta em preconceitos, superstições, tabus, pois se considerava que tinha poderes de amaldiçoar outras mulheres e homens.⁴⁶

Contudo, talvez o que mais pesasse para a mulher sem filhos fosse vivenciar o que Chwartz denomina “eclipse do sagrado”.⁴⁷ Na súplica de Raquel, a infertilidade é percebida como uma morte, o que equivalia a estar separado de Deus e do sagrado, pois o povo israelita só poderia viver uma vida santificada. Além de sua situação de liminaridade, como se habitasse um não-lugar, a mulher infértil experimentaria um vazio interior que vem do útero, uma vez que “a importância das promessas e limitações do espaço produtivo interno expõe a mulher a um senso específico de solidão – o medo de ser deixada vazia ou desprovida de tesouros, ou de permanecer incompleta, ou murchar”.⁴⁸

As religiões monoteístas apagaram as deusas do imaginário popular, mas conservaram a importância da maternidade, ligada ao mandato dado por Deus na criação e à promessa abraâmica de descendência. O imperativo de frutificar e

⁴⁵ CHWARTS, Suzana. *Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

⁴⁶ CHWARTS, Suzana. *Dá-me filhos senão estou morta: a concepção na Bíblia Hebraica*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 2, n. 2, mar. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13943/11124>.

⁴⁷ CHWARTS, 2008.

⁴⁸ CHWARTS, 2004, p. 59.

encher a terra encerrava motivações sociais para a procriação, que tornavam desejável uma numerosa descendência. Uma delas, a proteção familiar, consta da exclamação do salmista, ao descrever os filhos como recompensa e herança do Senhor: “Como flechas na mão do guerreiro, assim são os filhos da sua mocidade. Feliz o homem que enche deles a sua aljava; não será envergonhado quando enfrentar os seus inimigos no tribunal” (Salmos 127:3-5). Dar à luz filhos não poderia ser, para o casal, qualquer coisa menos que motivo de louvor e gratidão.

O cristianismo trouxe nova carga simbólica para a maternidade com a pessoa de Maria, mãe de Jesus. Ela seria o caminho que o cristianismo disponibiliza às mulheres para que possam, à sua semelhança e pela experiência da maternidade em seus corpos, encontrar “o mérito perdido na figura de Eva”, como define Rodrigues-Câmara, tornando-se o que idealmente deveriam ser.⁴⁹ Isso porque, numa leitura tipológica dessas personagens, Maria teria redimido a transgressão da primeira mulher pela maternidade do filho de Deus, explica Mota-Ribeiro, destacando o contraste entre elas: se Eva representaria o pecado, a desobediência, a separação de Deus, Maria representaria a virtude, a submissão, a reconciliação com o divino.

O discurso da Igreja Católica apresenta Maria (protótipo idealizado do feminino, modelo a seguir) realçando muito positivamente uma essência anatômica comum a todas as mulheres - a possibilidade de maternidade - e determina, assim, quais os papéis socialmente desejáveis para o universo das mulheres, com base naquela essência: o papel de mãe e também o de esposa⁵⁰.

O papel de mãe, no matrimônio, seria a salvação do sexo feminino. O apóstolo Paulo falou a esse respeito quando escreveu que a mulher “será salva tendo filhos, se permanecer em fé, amor e santificação, com bom senso” (1 Tim.

⁴⁹ RODRIGUES-CÂMARA, 2015, p.483.

⁵⁰ MOTA-RIBEIRO, 2000, p. 16.

2: 15), destacando a maternidade como fator de salvação, conservadas aquelas virtudes – que são, conforme Mota-Ribeiro, características de Maria.⁵¹ A autora menciona que a capacidade de dar à luz é vista como essência do feminino, o que faz da maternidade expressão de feminilidade, além de papel social fundamental da mulher. Mais do que prescrevê-la, a teologia católica consolidou um ideal de maternidade em que a mulher deve ser aquela que tudo suporta, deve “colocar a criança em primeiro lugar na sua vida, ser recatada, ser generosa, ser compreensiva e sofrer calada”.⁵² Em Maria, figura paradigmática para pensar o papel materno no cristianismo e na cultura ocidental, a maternidade tem caráter redentor.

Em muitos aspectos, os sentidos atribuídos às mulheres inférteis nas Escrituras também contemplam aquelas que escolhem permanecer sem filhos. Enquanto as primeiras eram/são consideradas excluídas do sagrado ou castigadas por Deus⁵³, estas são vistas como transgressoras e rebeldes, à semelhança de Eva. E uma vez que a mulher infértil se apresenta como uma mulher sem filhos (biológicos), nenhuma delas encontra tal redenção trazida pela experiência de gestar e ser mãe, nem pode santificar-se enquanto figura feminina em oposição ao caráter sedutor e ardiloso associado à primeira mulher, seja por não serem agraciadas por Deus com a possibilidade de dar à luz, seja por rejeitarem-na.

⁵¹ MOTA-RIBEIRO, 2000.

⁵² VÁZQUEZ, Georgiane. *Maternidade e feminismo*: notas sobre uma relação plural. Revista Eletrônica Trilhas da História, v. 3, n. 6, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/472>, p.170.

⁵³ Pode ser encontrado no Youtube o vídeo intitulado “Porque não temos filhos” (2020), em que o cantor cristão Paulo César Baruk e sua esposa, Rebeca Nemer, expõem ao público que os acompanha um aspecto de sua vida íntima relacionado à impossibilidade de gerar filhos. Ao longo do vídeo, algumas coisas que Rebeca menciona ter ouvido no meio cristão é que ela teria um pecado oculto que a impedia de engravidar, que lhe faltava fé e oração, e que o diabo estava obstruindo a bênção de Deus em sua vida.

3. MATERNIDADE, GÊNERO E DISCURSO: CONTROVÉRSIAS E DEBATES

Alguns trabalhos no campo dos estudos sociais, históricos e feministas discutem a maternidade como construção histórico-cultural, elaborada por discursos sociais. O marco para as discussões sobre o tema no feminismo foi a obra *O segundo sexo* (1949), de Simone de Beauvoir, que explorava consequências negativas da maternidade na vida das mulheres, vendo nela a principal causa da dominação do homem sobre a mulher, uma vez que a confinaria ao espaço privado do lar. Posteriormente, explica Scavone, as feministas deixaram de ver a maternidade como defeito natural, pois chegaram à compreensão de que “não é o fato biológico da reprodução que determina a posição social das mulheres, mas as relações de dominação que atribuem um significado social à maternidade”.⁵⁴ Por isso, elas buscaram romper com a noção de uma identidade feminina definida pela maternidade.

Para Vásquez, a maior contribuição do feminismo para a maternidade foi a sua desnaturalização, uma vez que até o século XX a experiência materna era “pensada de forma natural, inscrita no corpo e na mente das mulheres desde sempre”.⁵⁵ Longe de ser objeto de reflexão em sua relação com o corpo feminino e os papéis sociais de gênero. Com a perspectiva de gênero, a crítica feminista contribuiu para superar as interpretações que atribuíam ao determinismo biológico a desigualdade entre os sexos e a conformação/redução da mulher ao papel materno. Assim, nas ciências sociais, a maternidade:

Pôde ser abordada tanto como **símbolo** de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da *opressão* das

⁵⁴ SCAVONE, Lucila. *A maternidade e o feminismo*: diálogo com as ciências sociais. Cadernos Pagu (16), 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/3wSKqcsySs8ZV4rHM63K8Lz/?lang=pt>, p.141.

⁵⁵ VÁZQUEZ, 2014, p.177.

mulheres, ou símbolo de poder das mulheres [...]. Além disso, ela pôde ser compreendida como constituinte de um tipo de **organização institucional** familiar, cujo núcleo central articulador é a família. E, mais ainda, foi possível compreendê-la como um **símbolo construído histórico, cultural e politicamente** resultado das **relações de poder e dominação** de um sexo sobre o outro.⁵⁶

Na Teologia Feminista⁵⁷, produzida por mulheres a partir do ideário feminista e de suas experiências de fé, o gênero tornou-se categoria de análise para revisar os saberes bíblico-teológicos, revelando como o discurso religioso-eclesiástico afirmou e perpetuou uma estrutura social que oprime e inferioriza mulheres, dentro e fora da igreja. Percebeu-se que a teologia é fundamentalmente masculina, pois foi produzida por homens em sociedades patriarcais, a partir de conhecimentos orientados pelo masculino. Por isso a importância do olhar cuidadoso para os textos sagrados e a urgência de reflexões teológicas elaboradas na perspectiva feminina, como defende Bingemer.⁵⁸

Teólogas ou não, a atuação das feministas destaca-se pela defesa dos direitos das mulheres, inclusive o direito reprodutivo, que abriga a liberdade individual de a mulher escolher pela não maternidade – ou de escolher quando será mãe –, pelo uso dos métodos contraceptivos modernos, sem ser inferiorizada em sua condição de mulher ou vista como transgressora/pecadora enquanto

⁵⁶ SCAVONE, 2001, p. 142-143

⁵⁷ No Brasil, a Teologia Feminista teve início nos anos 1970 e 1980, ligada à Teologia Feminista europeia, mas desenvolvendo-se com as singularidades do contexto latino-americano (FURLIN, 2011). Essa teologia entende que historicamente se construiu um discurso androcêntrico que apagou a presença feminina na revelação bíblica, justificou a ausência das mulheres no pensamento teológico e as afastou da vida com crenças e práticas religiosas. Com o fim de promover a igualdade entre homens e mulheres na igreja e na sociedade, as teólogas feministas questionam as estruturas hegemônicas do cristianismo e da igreja, visto que são fundadas em representações, percepções e simbolismos centrados no masculino.

⁵⁸ BINGEMER, Maria Clara. *O rosto feminino de Deus*. [Entrevista para IHU Online]. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, edição 248, 17 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1579-maria-clara-bingemer-4>.

mulher religiosa/cristã. Busca-se reconhecer a autonomia das mulheres sobre a própria sexualidade e desarticular a compulsoriedade da maternidade.

Na década de 80, após pesquisar o comportamento materno em diferentes épocas, em termos de afeto e dedicação à criança, Elisabeth Badinter escreveu *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (tradução de Waltensir Dutra, 1985), uma referência clássica nos trabalhos sobre a construção do amor materno. Na obra, a historiadora afirma que esse amor é decorrente de um comportamento social, em vez de um sentimento inato à natureza feminina.

Em 2015, a socióloga Orna Donath publicou o livro *Mães arrependidas*, fruto de uma pesquisa que contou com a entrevista de 23 mulheres. Se era tabu questionar a natureza do amor materno, como fez Badinter, a exposição do arrependimento materno foi recebida com repulsa e ressentimento, mas ganhou a gratidão das mulheres que se viram representadas no livro. Em entrevista à Revista Cult (2018), ressaltando a diferença entre o arrependimento e a vivência de sentimentos ambíguos/dúbios, a autora defendeu que ouvir as mães que lamentam ter dado à luz é fundamental para “questionar a máxima de que a maternidade é necessariamente uma experiência que vale a pena para todas as mães em todos os lugares”.⁵⁹

No ano seguinte, a problemática da maternidade ganhou espaço com a resposta de uma mãe ao “desafio da maternidade”, corrente lançada no Facebook em fevereiro de 2016 que reunia depoimentos de mulheres sobre os prazeres da maternidade. Quando Juliana Reis (25), que se encontrava no período pós-parto, respondeu com o “desafio da maternidade real”, relatando sentir-se emocional e fisicamente exaurida pelas pressões e privações que vivenciava, a ponto de detestar ser mãe, a existência da insatisfação materna foi trazida às claras e provocou mal-estar social. O alcance oferecido pelas mídias digitais permitiu que

⁵⁹ DONATH, Orna. Orna Donath: *para fazer ruir o reino mítico materno*. [Entrevista cedida a Amanda Massuela]. Revista Cult, edição 232, mar. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/orna-donath-entrevista/>.

seu depoimento somasse mais de 21 mil compartilhamentos no Facebook, cerca de 119 mil curtidas e 2700 comentários diretos, sendo muitos de repúdio.⁶⁰

A repercussão do episódio intensificou os debates acerca da sacralidade associada ao amor materno, da romantização da maternidade e das realidades de mulheres como Juliana, que se viam frustradas com a maternidade. O assunto virou pauta nas redes sociais, ensejou artigos de sites e trabalhos acadêmicos⁶¹. A ousada sinceridade de Juliana também encorajou mulheres a externarem seu desencanto com a maternidade e os percalços da rotina como mãe, lançando muitas em um esforço de conscientização sobre a “maternidade real” – aquela que não deixa de lado as ambivalências. Na plataforma do Youtube, por exemplo, foram inscritos muitos relatos pessoais e vídeos de conteúdo sobre o tema, sobretudo a partir de 2016.

4. METODOLOGIA DO ESTUDO DE CASO

Este estudo de caso reuniu um grupo de cinco mulheres, entre 22 e 37 anos, que optam por uma vida sem filhos. Quatro delas foram contatadas através do Facebook, tanto em grupos fechados sobre mães e filhos como em publicações relacionadas. Apresentada a proposta do trabalho, de forma pública ou privada, elas se mostraram interessadas no tema e aceitaram o convite para contribuir na pesquisa. Outra participante, de quem me tornei amiga, me contatou pelo número

⁶⁰ MELO, Maria de Fátima Aranha de Queiroz e; SILVA, Janaína. Um espelho de duas faces: ser ou não ser mãe? Revista Polis e Psique, v. 10, n. 1, 2020. Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/89721/56380>.

⁶¹ A monografia da jornalista Caroline Balduci de Mello, *Maternidade compulsória: uma revisão do que significa a maternidade sob o ponto de vista do feminismo (2017)*, é um dos trabalhos que deu voz a essas mulheres. O texto pode ser acessado em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155718>. O documentário resultante de sua pesquisa, “Amo meu filho, odeio a maternidade”, pode ser encontrado no Youtube.

que disponibilizei em junho de 2020 no site Trocando Fraldas, em artigo sobre gravidez não planejada. Embora ela, que estava no início de uma gestação, agora seja mãe, sua participação na pesquisa leva em conta que ela nunca quis ter filhos.

Na sequência, foi criado um grupo no aplicativo WhatsApp para trocarmos informações pessoais e combinarmos o melhor dia e horário para os encontros. Foram realizadas duas reuniões pelo Meet, um aplicativo do Google para videochamadas, nos dias 26 de setembro e 3 de outubro deste ano. Em razão de imprevistos, nem todas as mulheres estiveram presentes nos dois encontros, por isso considere também os relatos que elas me enviaram por áudio acerca dos tópicos discutidos em cada reunião.

Nas reuniões, dialogamos acerca das relações dessas mulheres com o papel materno e/ou com a escolha de não serem mães, envolvendo o que lhes é dito sobre essa escolha, a fim de conhecer os sentidos que produzem sobre a maternidade. Na compreensão de Vygotsky sobre a linguagem, trazida por Ferreira e Costas, o sentido inscreve-se na dimensão simbólica da palavra, sendo mediador da relação entre o sujeito e o mundo. Ele abriga todos os eventos psicológicos que determinada palavra/conceito evoca no pensamento, estando associado a subjetividades, afetos, memórias, e sujeito às variabilidades do ambiente e das relações sociais, de modo a transformar-se à medida que é revisitado.⁶²

Na tabela a seguir constam as informações das participantes. Para preservar suas identidades, os nomes verdadeiros foram trocados por nomes fictícios.

⁶² FERREIRA, Liliansa Soares; COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. *Sentido, significado e mediação em Vygotsky*: implicações para a constituição do processo de leitura. Revista Iberoamericana de Educación, n. 55, 2011. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie55a09.pdf>.

Nome	Idade e estado civil	Profissão e religião
Carina	31 anos, solteira	Advogada, criada no catolicismo, atea
Fabiana	37 anos, solteira	Jornalista, umbandista
Vanessa	25 anos, solteira	Secretária, evangélica
Paula	22 anos, solteira	Estagiária, umbandista
Júlia	32 anos, solteira	Engenheira de produção, espiritualista

As falas das participantes nas reuniões pelo Meet e nos áudios foram transcritas e constam ao longo do artigo. Foram obtidos 1h03 de material gravado, contabilizando 12 páginas de texto. Na primeira reunião, algumas perguntas norteadoras buscaram conhecer a relação das participantes com a (não) maternidade: Em que momento da vida se deu a escolha pela não maternidade? Houve um percurso até chegarem à certeza de que não queriam ser mães? Alguns eventos ou circunstâncias contribuíram para o desinteresse pela maternidade? Na segunda reunião, pedi que as mulheres contassem como as pessoas de seu convívio recebem sua escolha de não ter filhos (o que é dito, quem diz, como diz, onde diz, etc.) e que descrevessem a imagem da maternidade e da mulher-mãe que elas observam na sociedade.

Após os diálogos, organizei as falas das participantes em duas categorias, de acordo com o assunto de cada encontro online: a escolha pela não maternidade; as recepções dessa escolha. As respostas das participantes à proposta de pensar a imagem da mulher-mãe, contudo, foram colocadas na primeira categoria deste artigo, pois percebi que ao falar de sua relação com a escolha por não ter filhos, as mulheres aludiam ao modo como a maternidade é vista socialmente e vivenciada por muitas mulheres sob as expectativas sociais.

4.1 A liberdade de poder ser: a escolha pela não maternidade

A ideia da não maternidade ganhou forma com o tempo na vida das mulheres que participaram do estudo. Esse tempo não somente desvelava comportamentos sociais e realidades familiares que influenciariam seus olhares sobre a maternidade, mas reafirmava uma falta de desejo materno que, para algumas mulheres, era desde cedo pressentida. Durante esse tempo, as mulheres percebiam e significavam seus sentimentos acerca da maternidade, bem como sua falta, traduzindo-os em um consciente “não querer” ser mãe.

Júlia relata que tinha a maternidade como uma possibilidade para o futuro, durante sua adolescência. Caçula de três irmãos, Carina conta que sonhava em casar e ser mãe, de preferência tendo vários filhos para formar uma família grande, pois também vinha de uma família grande. As outras mulheres não recordam de terem desejado ser mães, mas também referem um processo: “Foi tudo uma continuidade de sequências da vida que eu fui vendo que não queria ser mãe”, diz Paula. “Acho que com o tempo amadureci essa ideia e fui tendo cada vez mais certeza que eu não queria ser mãe, de que isso não faria parte da minha vida, que não era uma vontade, nunca foi e continua não sendo”, explica Fabiana.

Quatro participantes citam o ambiente familiar quando reconstituem seu desinteresse pela maternidade, destacando a sobrecarga de tarefas sobre a mulher-mãe, em três casos como consequência da ausência/omissão paterna. Enquanto Vanessa crescia vendo o trabalho da mãe para criar, sozinha, ela e seus irmãos, a ausência paterna fazia Paula perceber que “a vida de uma mulher seria bem mais difícil que a vida de um homem”. Júlia destacaria a importância de uma rede de apoio para a mulher durante e após a gestação, além da partilha de responsabilidades entre a mulher e seu parceiro, e Carina veria que os cuidados

com a casa e os filhos invariavelmente sobram para a mulher, mesmo quando o homem é colaborativo.

A questão da liberdade se faz muito presente nas falas das mulheres. Definindo-se como uma mulher não maternal de perfil livre, Júlia aprecia a sua liberdade de fazer pequenas coisas sem preocupar-se demais: sair para tomar um café quando quer e organizar seus horários conforme suas preferências. Fabiana também fala no mesmo sentido, vendo na própria liberdade um dos principais ganhos da vida sem filhos.

Eu gosto muito de não ter essa preocupação de ter alguém que dependa muito de mim, que eu teria que me adaptar, enfim, várias coisas nesse sentido, sabe. [...] Nunca me vi nessa situação de ter alguém super dependente, que eu teria que mudar minha vida toda em função daquela pessoa, né, daquela criança, enfim, daquele filho, e eu nunca tive vontade disso. Eu gosto muito da minha liberdade, de poder fazer as coisas como eu quero, do meu jeito. (FABIANA, 2021).

O processo de adaptação inevitavelmente demandado pela maternidade implica “mudar a vida toda” em função do filho. Pode-se dizer que a maternidade comprometeria a autonomia dessas participantes, pois restringiria suas possibilidades de agir livremente, isto é, conforme sua vontade/disposição, para submetê-las à necessidade do outro. O valor que Fabiana e Júlia conferem à liberdade pessoal revela que a maternidade é vista como um sacrifício de si mesma, das próprias vontades e desejos, do ritmo, do tempo e mesmo da tranquilidade, uma vez que pensar constantemente na criança seria preocupar-se demais e impediria, talvez, que se usufrísse satisfatoriamente de outras experiências.

As mulheres emprestam do tempo passado e do presente elementos referenciais de sua relação com o papel materno. Júlia fala do convívio com seu

gato. De temperamento mais reservado, o animal poucas vezes pede carinho, bastando-se a si mesmo e prescindindo da atenção que ela teria que dispensar a um cão, que tende a ser mais efusivo e dependente. A partir do paralelo entre os animais, ela se pergunta por que teria um filho, se preferiu ter um gato a ter um cão. Traduz o papel materno numa presença constante e vigilante, na dedicação a suprir carências de um outro, tarefa que exige uma disposição interna que ela não possui.

Paula recorre às brincadeiras na infância para situar seu desinteresse materno.

Sempre fui uma criança estranha. Não queria brincar de boneca, eu queria brincar de fazendinha, que eu queria uma fazenda. Eu brincava de mercado, porque eu queria ser dona de mercado, não que pessoas que são mães não podem fazer isso, claro que podem, inclusive pode até ser um incentivo, mas eu não tinha esse instinto materno que eles falam, desde criança, né, então eu não tinha... Aí com o passar do tempo, eu também não tinha paciência com criança... (PAULA, 2021).

Com isso, as participantes sinalizam que um sentimento materno nunca lhes apeteceu nem lhes foi familiar ou natural; além disso, que não é constitutivo de sua personalidade, pois não encontra expressão em seu comportamento, preferências, gostos, etc. Na menção de Paula ao instinto materno, esse conceito é imputado a uma fala alheia, como algo que é dito por um outro, mas de que ela se serve para afirmar-se desde a infância como uma mulher sem desejo materno. Em sua fala, o brincar de boneca é visto como sinal desse instinto, enquanto a opção por brincadeiras não convencionais indicaria sua ausência.

O instinto materno referido pela participante faz parte de um conjunto de conceitos e práticas relacionados à maternidade que foram naturalizados e cristalizados pelo discurso médico e moral/filosófico, a partir do final do séc. XVIII, resultando em novas formas de relação familiar que substituíam a

autoridade paterna pelo amor materno, priorizavam a função psicológica/afetiva da mulher em relação à criança e caracterizavam-se por sentimentos de ternura e pela valorização da infância.⁶³

Esses discursos, sendo o religioso o mais antigo, conforme Vásquez, não apenas incentivaram as mães a assumir inteiramente a educação e cuidado das crianças, argumentando que essa tarefa era própria da natureza feminina, mas também defenderam que as mulheres tinham uma tendência à maternidade de caráter sentimental, além da tendência biológica, que resumiria sua sexualidade ao impulso reprodutivo. Filósofos como Diderot e Rousseau reconheciam que a mulher havia nascido para o casamento e a procriação, como um sacerdote. Isto é dizer que o futuro de toda menina era tornar-se mãe e esposa.⁶⁴ Rodrigues aponta que os incentivos sociais à maternidade e o discurso sobre a imagem e a missão materna buscavam “convencer a porção feminina a aceitar o único papel importante que lhe cabia, enquanto era educada apenas para procriar e obedecer”.⁶⁵

Nesse sentido, a brincadeira em que a menina faz de conta que é mãe, imitando com a boneca os cuidados maternos, pode ser vista como parte de uma educação para o exercício futuro da maternidade. Trata-se de uma brincadeira tradicionalmente feminina, haja vista que o menino, apesar de ter a paternidade como possibilidade futura, não é educado para seu exercício da mesma forma, em termos dos cuidados com a criança; pelo contrário, desde a infância são ofertadas a ele brincadeiras e jogos que não envolvam a relação pai-filho.

⁶³ ARAÚJO, Maria de Fátima; MOURA, Solange Maria S. Rolim de. *A maternidade na história e a história dos cuidados maternos*. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 24, n. 1, mar. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a06>.

⁶⁴ VÁSQUEZ, 2014.

⁶⁵ RODRIGUES, Gilda de Castro. *O dilema da maternidade*. São Paulo: Annablume, 2008, p.61.

Desde essa brincadeira infantil, pode-se compreender por que Carina percebe a maternidade como algo fundamentalmente feminino. Diferentemente das outras participantes, ela decidiu que não seria mãe a partir do nascimento de sua primeira sobrinha, em 2013. Até então, suas futuras crianças “tinham nome e tudo”. A gestação de sua irmã mais velha oportunizou que ela acompanhasse de perto a realidade da maternidade, atentando-se especialmente aos comportamentos sociais relacionados ao papel materno.

Mas eu comecei a reparar em como a minha irmã, no caso a mulher, perdia um pouco da individualidade né. As pessoas não queriam mais saber dela, as pessoas queriam saber da neném. E como ela ficava sobrecarregada, porque ela tinha que dar conta dela, da neném, do marido, da casa. O meu cunhado fez o papel básico de todo homem que a gente entende como pai, mas eu acho que desde que a Alice nasceu e os meus outros sobrinhos vieram em seguida, então eu vi basicamente a mesma coisa acontecer com a minha cunhada, meses depois inclusive, essa ideia só foi amadurecendo, porque eu fui vendo a maternidade em cada etapa, entende [...]. Eu aprendi que o filho não é do casal; o filho é da mãe, por mais que ele seja do casal (CARINA, 2021).

O status de mãe modifica as atenções dispensadas à mulher. Em parte porque o recém-nascido naturalmente requer mais cuidados e sua chegada foi aguardada. Contudo, também porque a idealização da mãe perfeita, algo que se observa nos textos do magistério da Igreja Católica, faz que a mulher seja “sempre vista em função de outro e das necessidades de um outro (a criança), adquirindo as suas ações sentido apenas na medida em que se dirigem a esse outro”.⁶⁶ Ao comentar sobre sua experiência pessoal com a chegada de seu filho, a fala de Vanessa segue no mesmo sentido: “A mãe passa por um monte de coisa, e quando a gente fala assim ‘ah, passei a noite toda sem dormir’, ninguém tá nem aí não, falam assim ‘ah, é assim mesmo, é assim mesmo, manda foto do bebê’,

⁶⁶ MOTA-RIBEIRO, 2000, p. 16.

parece que só existe o bebê ali, só existe o bebê, você fica apagada.” Para Carina, perceber o modo como a mulher-mãe é vista e cobrada, de certa forma sublimada, foi importante para amadurecer sua escolha de não ter filhos. Ela comenta como as expectativas não apenas se modificam, mas invariavelmente se elevam com a maternidade:

Como você subjuga a mulher à mãe. Como a gente perde a individualidade, perde o papel de pessoa e passa a ser mãe de alguém, e passa a ter obrigações com alguém, e tudo que dá errado talvez seja culpa sua, né. [...] Como a gente deixa de existir como indivíduo e acaba virando a responsável por alguém, a mãe de alguém. "Ah, fulaninho está doente". "Ah, não, então veja lá com a mãe dele", como se fosse um ser onipresente, onisciente, onipotente que resolve tudo, e esquece um pouco desse lado de que continua sendo uma mulher, continua sendo uma pessoa, né, também tem as suas dificuldades (CARINA, 2021).

Em sua fala, a maternidade é vista como uma experiência que inibe/limita a individualidade, pois além de a identidade da mulher ficar definida pela função materna, coloca-se para ela um padrão inatingível de perfeição, que eventualmente resulta em sua culpabilização por “tudo que dá errado”. Adotada a percepção da maternidade como uma missão nobre e sagrada confiada à mulher, a existência da mulher-mãe como indivíduo, com suas dificuldades comuns, corre o risco de ficar ofuscada em vista de sua existência como a responsável por alguém, que teria habilidades próprias de sua vocação. “Então não interessa se é difícil, se é fácil... Se você é biologicamente capaz de parir, o resto pra você é fácil, não precisa se preocupar que você vai dar um jeito, eu acho que é utopia isso”, diz Carina.

A utopia que ela menciona é traduzida por Fabiana como uma visão de extremo romantismo com a maternidade, segundo a qual a mulher seria naturalmente preparada para lidar com todas as demandas da maternidade e o

faria com facilidade, seguindo um instinto materno. Ela aponta como essa idealização cobra seu preço sobre as mulheres:

Ao mesmo tempo que romantiza essa questão da maternidade, há uma culpabilização muito grande da mulher, quando elas são mães. Então tudo o que der errado, tudo que acontecer, a culpa sempre vai ser da mulher, né. A gente vê isso assim, quando uma criança está chorando histérica em algum lugar, sempre tem alguém para perguntar "cadê a mãe dessa criança", nunca perguntam "cadê o pai dessa criança" ou "cadê a família dessa criança", é sempre a mãe [...]. Então eu acho que são duas... Quase um paradoxo, né, ao mesmo tempo que romantiza e cria uma aura de... nossa, de mãe santa, com mil qualidades, também se acontecer alguma coisa, o problema é dela (FABIANA, 2021).

Essa romantização da maternidade acompanha as modificações do papel materno e das formas de maternagem desde o século XIX. Com a mulher assumindo as responsabilidades em relação à criança, a devoção materna passou a ser valorizada como uma qualidade essencial para garantir o cuidado e bem-estar dos filhos. A mãe ganhou respeitabilidade como a "rainha do lar", o sacrifício materno foi reverenciado como inerente à natureza feminina, e o sofrimento foi embelezado: "Ser mãe é padecer no paraíso", diz o ditado popular. A aura idílica que envolve a maternidade diz não apenas da versatilidade/polivalência como algo natural às mães, mas do sentimento de prazer que a mulher deve vivenciar na maternidade.

Vanessa relata a estranheza que sentiu diante das pessoas que sabiam de sua gravidez: "Parece que é tudo lindo, tudo bonito. Quando eu engravidei, eu pensei 'meu Deus'... Tipo, parece que as pessoas viviam em outro mundo, sabe, eu *tinha que* estar feliz, eu *tinha que* estar adorando aquilo e estava tão difícil". Essa idealização gera a expectativa de que a gravidez será recebida com alegria, sobrepujando tristezas e dificuldades que a mulher porventura vivencie. Além da culpa quando isso não acontece, falar acerca das angústias pessoais relacionadas à

gestação é acabar vista como uma mulher egoísta, a quem falta sensibilidade.⁶⁷ O que fica mais acentuado após a chegada do filho:

E não pode reclamar, não. Eu reclamo, e todo mundo fica "coitado do bebê, não fala isso, não pode falar isso, olha, Deus vai te castigar". Eu falei "meu Deus, só falei que não tá fácil, que tá muito difícil, que depois que eu tive meu filho minha vida se complicou". Se eu falar isso, todo mundo me crucifica, não pode falar (VANESSA, 2021).

Sofrer calada. É o que cabe à mulher, na gestação e principalmente após o nascimento de seu filho, para não ser culpabilizada. Fabiana comenta como a maternidade, hoje muito mais problematizada, sempre foi um tabu, algo intocável de que não se pode falar mal, sendo quase um pecado dizer que é possível amar um filho e detestar a maternidade. Ela sugere que uma visão "meio cristã", que sacraliza as mães e vê os filhos como presente de Deus, contribui para varrer tudo que é ruim para debaixo do tapete, tirando a chance de mulheres como Vanessa serem ouvidas e amparadas quando reclamam, choram e desabafam.

Ao lado da expectativa social por uma habilidade que as mães teriam de "resolver tudo", desempenhando variadas tarefas com maestria, e pelo dever de vivenciar a maternidade com prazer, alegria e docilidade, há cobranças ao nível do corpo feminino, de como a mulher-mãe se apresenta e se comporta. É esse o aspecto que Júlia destaca quando fala a respeito da imagem da mulher como mãe na sociedade:

Falam que "ah, mãe...", botam uma imagem de mãe muito pura, muito tudo, e aí depois, e mãe não pode fazer nada, né, mãe não pode sair, mãe não pode vestir uma determinada

⁶⁷ HALASI, Fabiana de Souza. *A mulher brasileira contemporânea e a maternidade da culpa*. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21668/2/Fabiana%20de%20Souza%20Halasi.pdf>.

roupa X, entendeu, não pode ter um determinado tipo de comportamento. Eu sinceramente não tenho paciência para essas coisas. É... Na verdade a mulher em si tem essa coisa do que pode e que não pode fazer, e quem é mãe a coisa é bem mais forte, bem mais marcante (JÚLIA, 2021).

A esse, deve ser relacionado ao corpo feminino subjaz a imagem de Maria. Convém que a mulher cristã torne-se mãe e esposa, afirmando-se espiritualmente na semelhança à mãe do Salvador, mas sua natureza imaculada afasta essa possibilidade, pois é impossível a elas serem mães e castas. Nesse sentido, assim como a adoção de uma atitude abnegada em relação aos filhos, a prudência da mulher na apresentação do corpo se apresenta como meio de compensar a luxúria do pecado sexual. Isso porque a virgindade, conforme Mota-Ribeiro, não fala apenas de abster-se do sexo, mas de conservar “a castidade na alma e no espírito e em todas as formas de desejo, pensamento, discurso e aparência”.⁶⁸ Essa pureza deve ser exteriorizada, por isso as questões da corporeidade feminina têm importância nos evangelhos e nos textos católicos, intimamente relacionadas à santidade da mulher.

Talvez seja o caso de considerar que essa cobrança é mais forte em relação às mães, como observa Júlia, pela sacralidade com que a maternidade é vista. Haveria uma aparência e um comportamento desejável para as mães, ligados à pureza espiritual e ao devotamento pelos filhos. Por isso “mãe não pode sair”, como cita Júlia: a ausência temporária da mãe em proveito próprio, para usufruir de um momento de lazer ou cuidado pessoal, é recriminada, ou como diz Halasi, “qualquer tentativa de se doar parcialmente à maternidade é vista com estranhamento”.⁶⁹ A mulher-mãe deve abdicar de si, deixando de cultivar desejos não vinculados à maternidade. Vásquez observa que sua representação social, especialmente no cristianismo, é caracterizada por sofrimento e sublimação.⁷⁰

⁶⁸ MOTA-RIBEIRO, 2000, p. 18.

⁶⁹ HALASI, 2018, p. 57.

⁷⁰ VÁSQUEZ, 2014.

Um contraste semelhante ao que Fabiana observa entre romantização e culpabilização é pontuado por Júlia. Ela avalia como uma contradição o fato de as pessoas romantizarem a maternidade e, ao mesmo tempo, colocarem sobre a mulher-mãe tantas restrições quanto ao que ela “pode e não pode”, o que é desejável e o que não combina com a nova pessoa que terá surgido após o parto, com a mãe que passa a existir. Depois de dar à luz, embora que “continua sendo uma mulher” e que essa mulher adquira novas facetas, deveres e saberes no desempenho maternal, parece que algo *deve* ficar para trás – para além do que cada mulher *possa* deixar para trás e de um estado de coisas que naturalmente se modifica⁷¹. Segundo o conceito de educação de corpos de Michel Foucault, instala-se uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos, para formar corpos sociais que possam ser submetidos. Nesse processo, as privações e as exigências de boa conduta configurariam uma violência simbólica sobre a mulher para moldá-la à imagem da boa mãe – santa, pura, abnegada. Em síntese, a maternidade aparentaria ser uma falsa promessa.⁷²

Paula, a partir do exercício imaginativo de como seria sua vida como mãe, avalia que criar filhos seria uma tarefa incompatível com sua personalidade perfeccionista.

⁷¹ HALASI, 2018, ao abordar uma sensação de luto em parturientes devido à perda de sua condição anterior, considera que “em nenhum momento da vida onde outro é incluído, pode-se continuar a ser como antes e, no caso da maternidade, isso tem um peso ainda maior, pois se trata de um outro dependente, demandante, exigente” (p. 61). Simon descreve sua maternidade como a morte de quem havia sido e seu renascimento enquanto mantenedora de outra vida (2010). Contudo, trata-se aqui de uma percepção de cada mulher a respeito de sua identidade em interação com o papel de mãe, e não de um trabalho social para disciplinar a mulher, no sentido que é expressado por Júlia.

⁷² MACEDO, Paulo Henrique Vieira de. *Corpos dóceis: os mecanismos invisíveis* evidenciados por Michel Foucault. Maringá, PR: Uniedusul, 2020. Disponível em: <https://www.uniedusul.com.br/publicacao/corpos-doceis-os-mecanismos-invisiveis-evidenciados-por-michel-foucault/p.19>.

Eu não quero ter que levar meu filho numa viagem ou deixar meu filho para ir viajar, também não quero deixar meu filho com babá ou na creche para eu poder trabalhar, também não quero sair do trabalho para poder cuidar do meu filho, eu não quero fazer isso. Eu gosto de fazer as coisas, tipo, eu quero ser perfeita em tudo, mesmo que a perfeição não exista. Eu sei que eu não seria uma boa mãe, entendeu? Porque assim, todo mundo fala “ah, mas tem que ser boa, a mãe tem que, por exemplo, usar rosa [na filha]”. Eu colocaria qualquer cor na minha filha, se eu tivesse uma filha, por exemplo. Então assim, eu não saberia... (PAULA, 2021).

A maternidade dificultaria sua excelência nas tarefas que se propõe a realizar, pois Paula vivenciaria a ambivalência de querer ser uma boa mãe, mas também uma boa trabalhadora, e teria dificuldades em conciliar essas funções de modo a ser suficiente em ambas, em dupla jornada de trabalho, sem abrir mão de algo – o que é aliás o drama vivido por muitas mulheres, desde seu ingresso no mercado de trabalho. Por não saber seguir usos e práticas convencionados para a criação dos filhos, Paula também faltaria com excelência no que se espera da mulher como mãe. Assim, na percepção das participantes, a maternidade restringiria suas possibilidades – de ser quem é, de fazer o que quer, de fazer bem feito.

Para Carina, colocar-se sob essas expectativas alheias, vivendo na iminência da culpa, da crítica e da autoexigência é algo que “demanda demais”. Júlia o define como um fardo que ela definitivamente não quer carregar. A maternidade, para Fabiana, é uma responsabilidade que ela não quer assumir. Pode-se ver que, além da sobrecarga física da mulher, pelo acúmulo das atividades domésticas, maternais e conjugais, há um considerável ônus emocional da maternidade, com dilemas e conflitos que ultrapassam a questão dos recursos para a subsistência da criança, mas que se relacionam à dimensão simbólica do comportamento, conferindo complexidade à reprodução humana.⁷³

⁷³ RODRIGUES, 2008.

As falas dessas mulheres demonstram que existem motivações individuais para não desejarem ou optarem pela maternidade, as quais nem sempre ficam bem delineadas, pois fazem parte da subjetividade de cada participante, entendida como “o processo pelo qual algo se torna constitutivo e pertencente ao indivíduo de modo singular”.⁷⁴ O desejo de uma mulher por tornar-se mãe não é questionado, pois a maternidade ainda é normativa, apesar dos esforços feministas em contestar sua naturalidade como destino da mulher. Cabe às mulheres que se desviam da norma justificar a falta de interesse materno, o que leva a pensar que o desejo pela maternidade, sendo natural em vista da anatomia do corpo feminino, prescindiria de razões, enquanto sua recusa seria um comportamento anômalo.

Contudo, além da condição biológica da mulher, o desejo pela maternidade – bem como sua ausência – envolve crenças culturais e motivos inconscientes, explica Rodrigues-Câmara.⁷⁵ “A intensidade e o momento em que se vivenciará a maternidade estão diretamente relacionados às influências culturais⁷⁶ do meio em que a mulher se encontra e também de sua história pessoal

⁷⁴ SILVA, Fabiana Gonçalves da. *Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural*. Psicologia da Educação, São Paulo, n. 28, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010, p.193.

⁷⁵ RODRIGUES-CÂMARA, 2015.

⁷⁶ Paula considera que a escolha antecipada e refletida de não ter filhos é uma característica das novas gerações, das pessoas mais jovens. Séculos atrás, diz Badinter (1985), as mulheres férteis teriam filhos sem se colocar muitas questões, pois a maternidade era um dever religioso e social. Por outro lado, a falta dos métodos contraceptivos modernos até então acarretava não apenas um alto número de nascimentos, mas de abandonos, infanticídios e abortos, indicando que sempre ocorreu uma rejeição circunstancial da maternidade diante dos padrões dominantes de natalidade (MELO e SILVA, 2020). Com isso, questiona-se um desejo natural da mulher pela maternidade e um amor instintivo da mãe por seu filho, “despertado” quando a mulher dá à luz. Nessa acepção, tal sentimento é afirmado por Badinter (1985) como um mito: o amor materno é, na verdade, sujeito a volatilidades, incertezas e fragilidades, e sua concepção varia conforme a cultura e o momento histórico.

e afetiva”, acrescentam Gradvohl.⁷⁷ Essas particularidades do mundo interno da mulher ficam evidenciadas nas falas das participantes do estudo, quando atribuem ao ambiente familiar e aos afetos os elementos que influenciaram sua recusa pela maternidade. Trata-se de como elas são impactadas pelas experiências e da forma como compreendem e constroem a si mesmas nesses contextos de vida.

4.2 O ônus de poder ser: recepções da escolha pela não maternidade

No dia a dia, as mulheres do estudo falam sobre a escolha de não serem mães quando são interpeladas, ou o assunto surge em uma roda de conversa. Em geral, encontram mais críticas e resistências no próprio ambiente familiar, contexto em que há mais expectativas em relação a casamento e descendência. Todas relatam algum desconforto de seus familiares por suas escolhas; às vezes, na forma de silêncio; às vezes, de críticas e julgamentos. Nas relações profissionais e amistosas, Carina, Fabiana e Júlia não relatam qualquer situação indelicada, o que atribuem à faixa etária, modo de vida, ausência de filhos e ao respeito gerado na convivência com essas pessoas. De outro lado, Paula afirma que é bem raro alguém respeitar sua opinião, e Vanessa diz que as reações negativas e indignadas vêm de todo lugar.

Fabiana conta que a reação de sua mãe é sempre no sentido do lamento pelo fim da família, pois ela é filha única do relacionamento dos pais. Júlia, quem menos percebe resistências, conta que sua mãe tem esperanças de que ela tenha filhos, mas diante de sua reiterada rejeição da ideia, passou a reagir apenas com expressão de desgosto, sem dizer nada.

⁷⁷ GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. *Maternidade e formas de maternagem desde a Idade Média à atualidade. Pensando Famílias*, v. 18, n. 1, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006,p.56.

Mas por exemplo, pessoas que eu não conheço, que eu não tenho tanta intimidade assim, por exemplo no Uber, a gente conversando, já teve uns dois Ubers homens que falaram ‘ah, mas você é nova, daqui a pouco você muda de ideia’, ou então que era porque eu não tinha achado a pessoa certa, então eu não queria, enfim... Que quando acontece, acontece e pronto, que a minha mentalidade ia mudar (JÚLIA, 2021).

A afirmação de que essas mulheres mudarão de ideia está entre as coisas que mais escutam, seja da família, de desconhecidos, de colegas. No ambiente de trabalho de Paula, além da menção à sua pouca idade como indicativo de que repensará a escolha de não ser mãe, apela-se para a experiência pessoal: “Gente da saúde mesmo fala pra mim assim ‘ah, eu falava isso também, e quando tive meu filho eu amei’, eu falo assim: ‘legal, bom pra você; comigo, tipo, eu não quero ter e vou fazer de tudo para não ter’”. Aqui, há um modo próprio de dizer que a participante mudará de ideia: ela não necessariamente decidirá ter filhos, mas quando acontecer de tornar-se mãe, passará a gostar da experiência. Acredita-se que rejeitar a ideia da maternidade só é concebível para as mulheres que ainda não foram transformadas por essa experiência, pois ser mãe tornaria impossível a insatisfação e o arrependimento.

Uma imaturidade própria da idade é sempre aludida para identificar a rejeição da maternidade com uma fase passageira. Para uma mulher que expressa seu desejo de ser mãe, dificilmente se afirma que ela mudará de ideia ou que em breve apreciará o fato de não ter tido filhos. Ainda que ela seja jovem e possa repensar seus planos, parece indelicado reduzir seu desejo/projeto pessoal a uma vontade momentânea e irrefletida. No entanto, é recorrente para as mulheres que não querem ser mães, como comenta Fabiana:

Às vezes não é uma crítica assim, uma coisa agressiva, mas é aquela ideia de que "ai não, você vai mudar de ideia", "ai, quando você conhecer uma pessoa, você vai querer ter filhos

com ele", sabe, esse tipo de coisa, sempre desfazendo, desmerecendo o que a gente acredita, o que a gente pensa, o que a gente está dizendo [...]. Mas eu acho que é bem comum ainda isso, acredito que a maioria das mulheres que não querem ter filhos passam por isso, né (FABIANA, 2021).

Conhecer o parceiro ideal surge nas falas de Fabiana e Júlia como uma experiência que poderia levar as mulheres a desejarem a maternidade. O desejo materno é visto como fruto natural do amadurecimento da mulher, mas também do amor conjugal. No mesmo sentido, mas inversamente, Carina recorda de seu relacionamento com um homem que não queria ter filhos: "Só que muita gente falava pra mim que a minha vontade de não ter filhos era porque ele não queria, como se a minha maternidade dependesse única e exclusivamente da vontade dele de ser pai ou não". A ideia é de que a mulher, por si só, não teria o desejo de não ter filhos: ou é jovem demais, ou não conheceu alguém, ou está atendendo ao desejo de um parceiro. A falta de desejo pela maternidade seria ilegítima, circunstancial.

O ambiente familiar e religioso é onde Paula afirma encontrar mais sofrimento por rejeitar a possibilidade de ser mãe. Em sua família, segundo ela, os filhos são gerados para cursarem uma faculdade e, depois, sustentarem os pais na velhice, porque estes não teriam sido bem sucedidos ao longo da vida. Quando ela diz que quer ser essa pessoa bem sucedida e viver em tranquilidade com seu marido, eles respondem que ela vai ter filhos para "pagar sua língua", isto é, desejam que ela passe a viver o que não queria viver. "Por eu ser solta demais, minha mãe fica jogando na minha cara que eu não vou cuidar dela", acrescenta.

De tudo que lhes é dito, Vanessa e Paula relembram alguns dizeres que se destacam pelo olhar essencialista sobre a mulher. A mãe de Vanessa, quando a ouvia dizer que não queria ser mãe, perguntava-lhe retoricamente o que é uma mulher sem filhos. Paula recorda: "Quando eu seguia a religião, todo mundo falava assim, eu era umbandista, então 'não, você tem que ser mãe, tem que ser

mãe, porque Deus te fez mulher’. Eu ficava ‘mas gente, eu não quero, tá, Ele deu o livre arbítrio também, então, tipo, não quero...’. Esses dizeres referem a maternidade como o destino inscrito por Deus na natureza da mulher, a chave do significado de sua existência. A mulher sem filhos não seria mulher em sentido pleno; viveria à margem de seu gênero, na liminaridade de realizar-se. Nas palavras de Donath:

Desde a infância nos dizem que a maternidade é a essência da vida das mulheres e que cada uma de nós vai sentir que todas as dificuldades no processo de criação dos filhos valerão a pena – não importa quem ela seja, o que seja capaz de fazer, quais tenham sido seus outros sonhos e desejos, e em quais circunstâncias econômicas e de saúde ela se encontre. Também nos disseram que a maternidade faria “tudo ficar bem”, como se você fosse renascer como uma pessoa que mereça ser chamada de “mulher”; renascer como uma pessoa que mereça ser tratada como parte de algo.⁷⁸

A ideia da maternidade como essência feminina e o “limbo social” das mulheres que não renasceram como mães ecoam na fala de Vanessa:

As pessoas, tipo assim, elas acham que mulher nasceu para ser mãe, aí quando a gente fala "não, não tenho vontade", aí as pessoas ficam de costas, elas não aceitam, não aceitam... "Ah mas é tão bonito, a capacidade que Deus deu pra vocês, tem que ser mãe"... Deus deu a capacidade então tem que ser mãe, pra eles se não for assim não serve (VANESSA, 2021).

O propósito divino na criação da mulher com a capacidade anatômica de gerar é que fosse ela a gestar e dar à luz o filho do casal, mas para Neuenfeldt (2007), é forçoso procurar nos textos bíblicos os conceitos que hoje temos acerca

⁷⁸ DONATH, Orna. Orna Donath: *para fazer ruir o reino mítico materno*. [Entrevista cedida a Amanda Massuela]. Revista Cult, edição 232, mar. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/orna-donath-entrevista/>.

das relações de gênero, pois estas variam cultural e historicamente. A literatura bíblica reflete a cultura, o conhecimento, as estruturas sociais e as relações de poder do tempo em que foi produzida – que tinha o masculino como normativo, aponta Furlin.⁷⁹ Em todo caso, na leitura de Gênesis, seria preciso localizar o mandato da procriação nas origens de um mundo a ser povoado e cuidado pelo ser humano, contexto em que a ordem cumpre uma função social, bem como perceber que é destinado ao primeiro casal – não apenas à mulher, nem a todos os casais.

Interessa perceber que a ordem acompanha a instituição do matrimônio, em Gênesis 2:24: “Por isso, o homem deixa pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. O evangelista Mateus registra as palavras de Jesus acerca do casamento (Mt 19:1-12) e sua observação de que nem todos podem receber seu ensino, pois nem todos os homens se casam. O apóstolo Paulo achou por bem não se casar, em vista de sua dedicação ao ministério, e também desaconselhou o casamento aos solteiros (1 Co 7), mas em Gênesis, permanece a declaração divina: “Não é bom que o homem esteja só”. Se o homem, ao considerar o que é melhor para si, pode ficar desobrigado de unir-se em matrimônio, como exceção a uma instituição divina, seria o caso de supor que toda palavra sobre a maternidade também é para as mulheres que a recebem, pois há aquelas que escolhem não ter filhos.

Carina percebe na religiosidade um elemento que permeia as reações familiares à sua escolha de não ser mãe.

A escolha de ser mãe, de não ser mãe, da não maternidade, pra mim é muito difícil, porque eu venho de uma família conservadora, religiosa, católica, e eu sou, das netas da minha avó, das sobrinhas e tal, a única que não casou e não teve filhos [...]. E quando eu falo da não maternidade, é sempre a

⁷⁹ FURLIN, Neiva. *Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico*. Rever: Revista de Estudos da Religião, v. 11, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6034/4380>.

ideia do “você não sabe o que tá dizendo, você vai se arrepender, quem vai cuidar de você quando você for velha? Filho é a melhor coisa do mundo, tem que ter pelo menos um, a pessoa que escolhe não ter filhos é uma pessoa ruim”, eu tive que ouvir isso uma vez (CARINA, 2021).

Repete-se que o arrependimento sobrevirá às mulheres que não tiveram filhos em idade fértil, e infere-se que elas são *ruins*, moralmente questionáveis. Na construção do papel materno, que preconizou características específicas para as mães e idealizou a vivência da maternidade, mulheres que optavam por não engravidar foram vistas com perplexidade e revolta, pois contrariavam a tendência biológica e afetiva da mulher de buscar a felicidade na/pela maternidade. Boa parte das falas das participantes revela que sentimentos de anomalia e inadequação são comuns e permeiam as reações de perplexidade e indignação.

Se as mães são culpabilizadas na relação com seus filhos, as mulheres não mães são culpabilizadas pela falta dessa relação, devendo abdicar de projetos e sonhos para trazer um filho à existência. Donath diz que as mulheres israelenses que não querem ser mães são tratadas como “loucas, egoístas, não verdadeiramente femininas e perigosas”, vistas como “traidoras das ordens religiosa, nacionalista, patriótica, patriarcal, heteronormativa e social”, uma depreciação que, resguardada a força das expressões e a diferença cultural, se apresenta para as participantes deste estudo, em alguns contextos e por parte de algumas pessoas, seja de forma evidente ou mais sutil.⁸⁰ Também disseram a Fabiana que não ter filhos é egoísmo, e um tio de Vanessa lhe disse que “árvore que não dá fruto a gente tem que decepar”.

A figura da árvore sem frutos é emblemática para pensar a presença da religiosidade nas imagens associadas a essas mulheres. Na Bíblia, Jesus

⁸⁰ DONATH, 2018.

amaldiçoa a figueira que não tinha frutos (M 21:19), e também diz que a árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo (Mt 7:19). O sentido espiritual da ilustração, acerca das virtudes produzidas na vida do cristão a partir da fé em Jesus Cristo, é deslocado para as mulheres que não geram uma vida a partir de seus corpos, a fim de dizer que ficariam secas e, portanto, “inúteis”. Chwartz 2004 aponta que uma expressão hebraica traduzida por “murchar”, cujo sentido remete à secura e deterioração, é empregada por Sara para caracterizar-se em virtude de seu ventre envelhecido (Gn 18:12). Essa imagem é mais uma a integrar os sentidos atribuídos a essas mulheres: incompletas, vazias, secas, marginais, instáveis, imaturas, egoístas.⁸¹

CONCLUSÃO

Seja por elementos simbólicos e representações divinizadas, seja pela origem como mandato divino, segundo a tradição judaico-cristã, ou na vida da mãe de Jesus, feita espelho para o feminino, a maternidade sempre esteve envolta numa atmosfera de sacralidade. A análise desses simbolismos e narrativas faz perceber como discursos religiosos, através dos tempos, sedimentaram a construção da maternidade como ideal divino e função sócio-cultural da mulher, fornecendo suporte ideológico para conservação da ordem patriarcal, dos papéis de gênero e de uma identidade feminina vinculada ao materno.

Segundo Weber, citado por Rodrigues-Câmara, “as crenças religiosas determinam a ética de conduta pessoal do indivíduo, sendo determinantes na visão de mundo que este desenvolve, bem como na sua própria relação interpessoal na sociedade”.⁸² Na cultura ocidental, pertencem principalmente à tradição judaico-cristã as ideias religiosas que organizam os modos como o sujeito se relaciona e interpreta a realidade, algumas das quais foram evocadas nas

⁸¹ CHWARTS, 2004.

⁸² RODRIGUES-CÂMARA, 2015,p.470.

falas das mulheres. No entanto, a relação entre o sagrado e a maternidade recobre outras tradições religiosas e espiritualidades que não foram contempladas aqui.

Na “nova maternidade” que começou a desenhar-se no séc. XX, Araújo e Moura apontam que o papel materno deixou de ser o único disponível para as mulheres, embora fosse o principal.⁸³ Era fundamental preservar o valor da maternidade, sem torná-la exclusiva na vida das mulheres ou deixá-la englobar o papel feminino. Porém, ainda há estigma para aquelas que rejeitam a maternidade, com “mais ‘trabalho’ a ser feito no sentido de questionar a noção essencialista de que ‘mulheres reais’ são iguais a mães ou a mães satisfeitas”, diz Donath.⁸⁴ O esforço de entender as mulheres segundo um padrão universal perde de vista as singularidades de cada uma, com suas histórias, desejos, experiências, afetos. Por isso, “a maternidade é tão compulsória, socialmente, que as pessoas não sabem lidar com as mulheres que não querem ser mães”, expressa Fabiana.

À imagem e semelhança d’Aquele que nos criou, mulheres e homens são também personalidades, com subjetividades próprias e potencialidades que nos tornam indivíduos singulares. Todos fomos amados por Jesus Cristo, cujo seguimento de fé nos coloca o dever de amarmos e servirmos uns aos outros. É por meio do serviço de amor que a liberdade cristã é vivida na relação com o outro e com a comunidade, o que supõe o convívio com o diferente, com a alteridade. Esse amor não apenas supera diferenças de raça, gênero, cultura, mas as agrega, eliminando preconceitos e distinções que valorizem uns em detrimento de outros. Desse modo, conforme Assis, na vida social cristã “prevalecem as relações igualitárias baseadas na justiça que provém da condição de filhos de Deus”.⁸⁵

⁸³ ARAÚJO E MOURA, 2004.

⁸⁴ DONATH, 2018.

⁸⁵ ASSIS, Maristela Patrícia de. *Um olhar cristão da liberdade numa perspectiva multicultural*. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v. 14, jan./jun. 2008. Disponível

A ética cristã baseada em respeito e amor deve nortear nossas palavras e ações na convivência com o próximo. O amor e a humildade de saber-se criatura de Deus nos leva a ver que Sua obra criadora nos presenteou com a riqueza do feminino, que reverbera nas vidas das mulheres deste estudo e de tantas outras, mães ou não, compondo um mosaico todo-criativo. A maternidade deve ser pensada a partir das diversas realidades históricas, sociais e culturais das mulheres e homens, mas também das subjetividades de cada mulher, pois assim pode ser compreendida como uma experiência plural, sem ser negada nem idealizada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima; MOURA, Solange Maria S. Rolim de. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 24, n. 1, mar. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a06>.

ASSIS, Maristela Patrícia de. Um olhar cristão da liberdade numa perspectiva multicultural. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 14, jan./jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100014.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. [Tradução de Waltensir Dutra]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: [http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf).

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3ª ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BINGEMER, Maria Clara. O rosto feminino de Deus. [Entrevista para IHU Online]. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, edição 248, 17 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1579-maria-clara-bingemer-4>.

BINGEMER, Maria Clara. A maternidade e seus discursos. *Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular*, mai. 2018. Disponível em: <https://ceseep.org.br/a-maternidade-e-seus-discursos-por-maria-clara-bingemer/>.

CHWARTS, Suzana. *Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

CHWARTS, Suzana. Dá-me filhos senão estou morta: a concepção na Bíblia Hebraica. Arquivo Maaravi: *Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 2, n. 2, mar. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13943/11124>.

DONATH, Orna. Orna Donath: para fazer ruir o reino mítico materno. [Entrevista cedida a Amanda Massuela]. *Revista Cult*, edição 232, mar. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/orna-donath-entrevista/>.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. [Tradução de Rogério Fernandes]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERREIRA, Liliana Soares; COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura. *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 55, 2011. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie55a09.pdf>.

FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. Rever: *Revista de Estudos da Religião*, v. 11, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6034/4380>.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e formas de maternagem desde a Idade Média à atualidade. *Pensando Famílias*, v. 18, n. 1, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006.

HALASI, Fabiana de Souza. *A mulher brasileira contemporânea e a maternidade da culpa*. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21668/2/Fabiana%20de%20Souza%20Halasi.pdf>.

MACEDO, Paulo Henrique Vieira de. *Corpos doces: os mecanismos invisíveis evidenciados por Michel Foucault*. Maringá, PR: Uniedusul, 2020. Disponível em: <https://www.uniedusul.com.br/publicacao/corpos-doceis-os-mecanismos-invisiveis-evidenciados-por-michel-foucault/>.

MARQUETTI, Fabiana Regina. A protofiguratividade da Deusa Mãe. *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. São Paulo, v. 15/16, n. 15/16, 2003. Disponível em: <https://www.revista.classica.org.br/classica/article/view/224>.

MELO, Maria de Fátima Aranha de Queiroz e; SILVA, Janaína. Um espelho de duas faces: ser ou não ser mãe? *Revista Polis e Psique*, v. 10, n. 1, 2020. Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/89721/56380>.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no cristianismo. In: *IV Congresso Português de Sociologia*, Universidade de Coimbra, 17-19 abr. 2000. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiroS_EvaMaria_00.pdf.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Fertilidade e infertilidade na Bíblia: suspeitas a partir da teologia feminista. *Revista Aulas*, dossiê Religião, n. 4, abr./jul. 2007. Universidade de Campinas (Unicamp). Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4_3.pdf.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

RODRIGUES, Gilda de Castro. *O dilema da maternidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

RODRIGUES-CÂMARA, Cátia Cilene. Maternidade e espiritualidade: aspectos simbólicos. Paralellus: *Revista Eletrônica em Ciências da Religião*, v. 6, n. 13, jul./dez. 2015. Universidade Católica de Pernambuco. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236214865.pdf>.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu* (16), 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/3wSKqcsySs8ZV4rHM63K8Lz/?lang=pt>.

SILVA, Fabiana Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 28, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010.

SIMON, Lia Haikal Frota. *Maternidade: uma releitura na perspectiva da espiritualidade*. Dissertação [Mestrado em Ciências das Religiões]. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4214/1/arquivototal.pdf>.

VÁZQUEZ, Georgiane. Maternidade e feminismo: notas sobre uma relação plural. *Revista Eletrônica Trilhas da História*, v. 3, n. 6, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/472>